**Principais ideias do texto “Encontros e Desencontros na Relação Família-Escola” de Heloísa Szymanski.**

**Escola é Escola, Família é Família**

O que ambas as instituições têm em comum é o fato de prepararem os membros jovens para sua inserção futura na sociedade e para o desempenho de funções que possibilitem a continuidade da vida social. Ambas desempenham um papel importante na formação do indivíduo e do futuro cidadão. São elas os primeiros espelhos nos quais nos vemos e nos descobrimos como sendo bonitos ou feios, inteligentes ou burros, bons para Matemática ou bons para nada, simpáticos ou desengonçados, com futuro ou sem futuro etc. São elas, também, os primeiros mundos em que habitamos, podendo nos aparecer como acolhedores ou hostis, com tais e tais regras, costumes, linguagens. Ensinam desde o que é homem e o que é mulher até como devemos expressar os sentimentos, quais sentimentos são "bons" e podem ser sentidos (sem culpas) e quais são "maus" (e devem ser disfarçados o melhor possível, porque sentir, sentimos mesmo). Aprendemos o que é belo e o que é feio, o que tem graça e o que não tem. Aprendemos posturas, jeitos de olhar (direto ou enviesado). E por aí vai.

A escola, entretanto, tem uma especificidade - a obrigação de ensinar (bem) conteúdos específicos de áreas de saber, escolhidos como sendo fundamentais para a instrução de novas gerações. O problema das crianças de aprenderem fração é da escola. Família nenhuma tem essa obrigação. Por outro lado, professora alguma tem de dar "carinho maternal" para seus alunos. Amor, respeito, confiança, sim, como professora e membro adulto da sociedade.

As famílias têm de dar acolhimento a seus filhos: um ambiente estável, provedor, amoroso. Muitas, infelizmente, não conseguem. Por questões econômicas - a miséria é cruel. Muitas vezes por questões pessoais. Relacionamento com filhos e de casal não é coisa assim tão fácil para muitas pessoas. Mais fácil é cobrar dos outros que sejam maduros, emocionalmente estáveis, que convivam meiga e amorosamente com um alcoólatra, ou que deixem de ser alcoólatras, que tenham sempre uma palavra sábia para os filhos e filhas desobedientes, que superem, altaneiros, as dificuldades de trabalho, que desconsiderem a violência (a social e as outras), que exerçam uma crítica à comunicação de massas e cerquem suas famílias contra as ameaças da sociedade de consumo. UFA! Por favor, quem conseguir tudo isso, publique!

Há inúmeros fatores a serem levados em conta na consideração da relação família-escola. O primeiro deles é que a ação educativa dos pais difere necessariamente da escola nos seus objetivos, conteúdos, métodos, no padrão de sentimentos e emoções que estão em jogo, na natureza dos laços pessoais entre os protagonistas e, evidentemente, nas circunstâncias em que ocorrem.

Outra consideração refere-se ao comportamento das famílias das diferentes camadas sociais em relação à escola. Mesmo na Escola Pública, famílias de classe média desenvolvem estratégias de participação tendo em vista a criação de condições para o sucesso escolar de seus filhos, naquilo que VAN ZANTEN (1988, p. 195) chama de "saída individual". Nem sempre esses pais se engajam num projeto coletivo de melhoria do ensino e das relações da escola com a comunidade.

Além do mais, o nível de escolaridade e a facilidade de verbalização possibilitam a esses pais uma crítica que famílias das classes trabalhadoras não conseguem ou não ousam fazer.

Assim, os conflitos entre famílias e escolas podem advir das diferenças de classes sociais, valores, crenças, hábitos de interação e comunicação subjacentes aos modelos educativos. Tanto crianças como pais podem comportar-se segundo modelos que não são os da escola. Isto pode não ser um problema para famílias das camadas sociais mais altas, que têm a possibilidade de escolher uma escola que se assemelhe ao seu próprio modelo. Esta não é a realidade para as classes trabalhadoras. Os modelos adotados pelas escolas dependem, em geral, da disposição das diretorias e de sua orientação.

• Como alguns profissionais veem as famílias de seus alunos

É frequente ouvirmos depoimentos de professoras ou membros da equipe escolar acerca de que as famílias são "desestruturadas", desinteressadas, carentes e, no caso de comunidades de baixa renda, violentas. Tais condições constituem-se numa "explicação" fácil para o insucesso escolar de algumas crianças.

Alguns minutos de reflexão bastam para as professoras perceberem que estão indo por um atalho que não as leva à compreensão das dificuldades de alguns de seus alunos. Tal raciocínio preconceituoso só serve para atribuição de culpa a uma situação externa à escola e para um consequente afastamento do problema. Um pouco mais de reflexão junto a essas professoras e elas se dão conta de que:

• "família desestruturada" não quer dizer mais do que uma família que se estrutura de forma diferente do modelo de família nuclear burguês;

• a mera forma de a família se organizar não é responsável pelo comportamento acadêmico de suas crianças;

• nem todas as famílias são violentas. Percebem que a prática de bater nas crianças é a forma considerada pelas famílias como sendo a mais adequada para educar uma criança. Tal prática é utilizada como forma de punição pelo baixo rendimento (CHUNG, 1995, p. 64);

• as próprias famílias são vítimas de violência (a da segregação social e as outras);

• as próprias famílias podem recorrer à violência contra a escola e a professora, reproduzindo as condições como são tratadas;

• sua condição de famílias trabalhadoras dificulta um acompanhamento mais próximo do trabalho acadêmico das crianças; sua baixa escolaridade também dificulta esse acompanhamento. Mas, mesmo assim, muitas demonstram boa vontade e colaboram, principalmente na preparação de merendas e na faxina do prédio.

**Como as famílias veem a escola**

Em bairros de baixa renda da cidade de São Paulo, a população é formada em grande parte por migrantes que têm, eles próprios, uma história de escolaridade interrompida, em função do trabalho e, às vezes, por fechamento de unidades escolares na zona rural onde moravam. Estudo para eles significa basicamente saber ler e escrever, até para logo terem acesso ao mercado de trabalho (como trabalhadores não-especializados). Assim, essas famílias:

• falam, resignadas, de suas dificuldades em conseguir vagas nas escolas e não compreendem os procedimentos (datas, prazos) de matrícula. Deixam de reivindicar material didático e atribuem as dificuldades dos filhos à falta de material (MALAVASI, 1995, p.145/160; MOLNAR, 1995, p. 84).

• questionam as substituições e faltas frequentes das professoras, mas não podem ir às reuniões pedagógicas porque estas se dão no seu período de trabalho. Às vezes não vão para não ouvir os problemas que seus filhos estão causando na escola, ou suas dificuldades.

• encaram as dificuldades dos filhos como um mistério (só a elas?). O que há com suas cabecinhas que não aprendem? Espantam-se que as crianças conseguem fazer troco mas não aprendem aritmética. Atribuem isso ou à falta de vontade de estudar ou a alguma "doença".

• oscilam entre uma aceitação passiva do poderoso veredito da escola de que seus filhos "não levam jeito" para os estudos e uma contestação com base nas realizações da criança no dia-a-dia (BORSOTTI, BRASLAVSKI, 1985).

O ponto de partida é o (re)conhecimento mútuo. O conhecimento das escolas a respeito das famílias é, muitas vezes, baseado em preconceitos (MELLO, 1995, p. 52). O mais frequente é o da "família desestruturada"- a grande responsável pelos fracassos em Língua Portuguesa, Matemática, Geografia etc. Outros preconceitos muito frequentes são o da "carência cultural", o do desinteresse das famílias, como vimos. O preconceito se limita numa interpretação fechada do outro e seu mundo e define atitudes, sentimentos e ações que guardam a mesma característica de rigidez.

Reconhecer significa sair dos limites estreitos do preconceito e abrir-se para as novas possibilidades de ser do outro e de ser-com-o-outro. Num primeiro momento é preciso encarar os próprios preconceitos e depois desejar sair dessa perspectiva limitada e ensaiar um novo olhar, de preferência interrogativo, curioso.

O (re)conhecimento a que me referi pode ser uma possibilidade de abertura de um novo caminho. As professoras, além de um contato pessoal com a vizinhança, com sua história e com seu cotidiano, podem aumentar seu conhecimento com uma infinidade de trabalhos acadêmicos que apontam para o descompasso entre famílias e escola. O acesso a esse conhecimento depende de uma estratégia que a escola pode desenvolver em conjunto com os órgãos públicos de formação de profissionais e com as universidades.

O importante nessa proposta é que a parceria se desenvolverá na base dos recursos e possibilidades pessoais e da comunidade e não a partir das dificuldades e limitações. A mediação da comunidade com seus grupos organizados pode ser muito eficiente no fortalecimento dos pais em suas funções. Experiências com grupos de pais mostram o quanto a comunicação de práticas educativas entre eles pode ser eficiente na transformação de hábitos arraigados, como por exemplo o de castigar fisicamente as crianças.

Clique [aqui](http://www.necfebf.uerj.br/boletins/boletim012011index_arquivos/HeloisaSzymanski.pdf) e leia o texto na íntegra.